

**VIOLÊNCIA E CRÍTICA SOCIAL EM ASSUNÇÃO DE SALVIANO,
DE ANTONIO CALLADO***VIOLENCE AND SOCIAL CRITICISM IN ASSUNÇÃO DE SALVIANO,
DE ANTONIO CALLADO*Rosani Umbach¹  

RESUMO: O romance *Assunção de Salviano* (1954), de Antônio Callado, discute à memória do conflito histórico que gerou o massacre na Guerra de Canudos, desse modo, busca restituir a história coletiva por meio da tensão entre historiografia e narração no caminho de trilhar reflexões em torno da memória cultural de tal evento traumático. A construção de imagens da história do Brasil no romance, permeada pela violência se relaciona, na maioria das vezes, à desigualdade social e a opressão estatal, por conta da recente república brasileira. Uma particularidade do romance é estabelecer uma sensação de continuidade, como se o tempo cronológico fosse suspenso. Imagens da violência ainda presentes atualmente, tais como: à luta dos camponeses pela terra, à pobreza no sertão nordestino e à vulnerabilidade das pessoas que o habitam. Desse modo, busca-se analisar aspectos da crítica social no romance e sua relação com a resistência.

Palavras-chave: Antônio Callado. Assunção de Salviano. Violência. Crítica Social.

ABSTRACT: The romance *Assunção de Salviano* (1954), by Antônio Callado, discusses the memory of the historical conflict that caused the massacre in the Canudos War, in this way, seeks to restore collective history through the tension between historiography and narration in the path of trilhar reflections around the cultural memory of such a traumatic event. The construction of images of non-romance Brazilian history, permeated by violence, is related, most of the time, to social inequality and state oppression, as can be seen in the recent Brazilian Republic. A particularity of romance establishes a sense of continuity, such as the chronological tempo becomes suspense. Images of violence are still present today, such as: the struggle of two people from the countryside, the poverty in the northeastern countryside, and the vulnerability of the people we live in. In this way, it seeks to analyze aspects of non-romance social criticism and its relationship with resistance.

Keywords: Antônio Callado. Assunção de Salviano. Violence. Social Criticism.

¹ Doutora em Neuere Deutsche Literatur pela Freie Universität Berlin, Alemanha. Docente titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ, 1C. E-mail: rosani.umbach@gmail.com

Assunção de Salviano (1954) é o primeiro romance do escritor carioca Antonio Callado (1917-1997), dono de uma vasta produção jornalística e literária. O autor iniciou sua carreira profissional como repórter e cronista em *O Correio da Manhã* e mais tarde, durante a II Guerra Mundial, foi redator na BBC de Londres, de 1941 a 1947, com um intervalo de 11 meses em que trabalhou no serviço brasileiro da *Radio-Diffusion Française* em Paris, de novembro de 1944 a outubro de 1945. De volta ao Brasil, atuou em vários grandes jornais brasileiros até se aposentar como jornalista em 1975.

Além das atividades jornalísticas no Brasil e no exterior, Callado dedicou-se sempre à literatura. Nos seus dois primeiros romances, *Assunção de Salviano* (1954) e *A madona de cedro* (1957), transparece uma preocupação religiosa. Depois vieram os romances *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do baile* (1976) e *Sempreviva* (1981), que, segundo a biografia do autor na ABL, “apresentam uma visão do Brasil durante o regime militar, do ponto de vista dos opositores. Seu engajamento lhe custou duas prisões: uma em 1964, logo após o golpe militar, e outra em 1968, após o fechamento do Congresso com o AI-5”. Callado recebeu várias medalhas e prêmios, inclusive o Prêmio Goethe, do Goethe Institut do Rio de Janeiro, com o romance *Sempreviva* (traduzido para o alemão com o título de *Lucinda*).

Em seu romance de estreia, Antonio Callado representa os movimentos messiânicos no nordeste de um Brasil subdesenvolvido, no qual há violência e morte, mas também religiosidade e fé. Este trabalho visa analisar algumas formas de violência reveladas na obra e igualmente formas de resistência contra os arbítrios impostos pelas autoridades constituídas. Procura-se relacionar aspectos narrativos do romance com reflexões sobre o passado histórico no sertão brasileiro e verificar elementos de crítica social. O trabalho intenta verificar, ainda, as temporalidades no romance com o objetivo de analisar os sentidos produzidos. Para tanto, busca aporte teórico sobre história e narração nas concepções de Walter Benjamin, que atribui ao historiador materialista a tarefa de “articular historicamente o passado” (1985, p. 224). Muitos escritores assumem função semelhante ao tecer em suas narrativas os fragmentos, rastros e vestígios do “amontoado de ruínas” que o passado nos legou. Observa-se que o romance *Assunção de Salviano* constrói uma articulação histórica com o passado ao reportar-se à Guerra de Canudos, ocorrida no sertão baiano entre 1896 e 1897.

Assunção de Salviano é um romance ainda pouco estudado nas universidades brasileiras, “aparecendo como corpus central em menos de dez trabalhos publicados nos últimos 30 anos”, conforme levantamento realizado em 2020 por Geovany da Silva (2020, p. 539). A obra foi inscrita, pela editora que a relançou em 2014, no Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2015, do

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, sendo aprovada e despertando dessa forma um interesse mais amplo.

O romance representa “o universo cultural do Brasil subdesenvolvido”, nas palavras de Lígia Chiappini (2014, p.163), e alcança “os grandes problemas da vida e da morte, da pureza e da corrupção, da incredulidade e da fé”, nas palavras de Tristão de Athayde (id., p. 162). Com isso, *Assunção de Salviano* posiciona-se em uma tradição literária que representa movimentos messiânicos no nordeste brasileiro, na qual se incluem, de acordo com Helmut Feldmann (1995), obras importantes como *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, *Os cangaceiros* (1953), de José Lins do Rêgo e *Romance d’a pedra do reino* (1971), de Ariano Suassuna, e que abrangeria até mesmo a obra *La guerra del fin del mundo* (1981), do peruano Mario Vargas Llosa. Entretanto, diferentemente dessas obras que, segundo Feldmann, “fazem um sério esforço para compreender o messianismo”, *Assunção de Salviano* não se atém tanto a essa questão, aproximando-se, na concepção e estrutura narrativa, à “comédia de situação e intriga do teatro de bulevar” (1995, p. 522).² Essa distinção no modo de apresentação e efeito pretendido seria possível porque Callado não teria tanto em vista a revelação das causas sociais, econômicas e culturais dos movimentos messiânicos e sim “a sátira dos intelectuais burgueses que pretendem colocar o messianismo a serviço da revolução comunista” (idem, p. 522-523).³

A região do sertão, historicamente caracterizada por latifúndios improdutivos, secas recorrentes e desemprego crônico, é o espaço físico privilegiado na obra. A trama do romance desenrola-se na cidade de Juazeiro, na Bahia, localizada às margens do rio São Francisco, o qual constitui a divisa com o município de Petrolina, em Pernambuco. Na análise proposta por Silva (2020, p. 547), a obra tem “como conjuntura, ou tempo histórico, os conflitos fundiários do Nordeste nos anos 1950” e “como espaço físico a cidade baiana de Juazeiro, com raras menções à pernambucana Petrolina”. Para Silva, o tempo cronológico, determinado pela sucessão dos eventos narrados,

compreende o período de 30 dias que antecedem a festa da padroeira petrolinense, Nossa Senhora da Glória ou Assunção da Virgem Maria, comemorada no dia 15 de agosto. Na tradição católica, a mãe de Jesus teria sido elevada aos céus, sendo conduzida por anjos, e assumida em corpo e alma na Jerusalém celeste. Acepções pertinentes ao título seriam ‘dignificação daquele que se salvou’, ou ‘elevação de quem foi destinado à salvação’ (Silva, 2020, p. 547).

² Cf. “die sich ernsthaft um ein Verstehen des Messianismus bemühen [...] Situations- und Intrigenkomödie des Boulevardtheaters” (Tradução minha – As demais citações de Feldmann neste trabalho também foram traduzidas por mim).

³ Cf. “die Persiflierung bürgerlicher Intellektueller, die den Messianismus in den Dienst der kommunistischen Revolution stellen möchten”

A religiosidade, pois, já se manifesta no título do romance, que conta a história do marceneiro Manuel Salviano, cujo nome lembra “Deus conosco” e “salvador”. Ele, porém, é ateu, avesso a expressões de religiosidade e um revolucionário que, “depois de estourar o conflito com os posseiros de Porecatu”, foge do Paraná e se casa com Irma, a “alemã de Santa Catarina”, que está ciente de casar-se “com um caboclo, e caboclo que pretendia regressar ao Norte” (Callado, 2014, p. 16). Instalado com sua marcenaria no sertão da Bahia, Salviano se vê “oprimido pelo discurso dos líderes religiosos associados aos políticos que exploram Juazeiro. Sem outra condição de se rebelar, ele anseia pela violência como ação libertadora”, conforme apontam Siqueira e Santos (2018, p. 515). Por insistência de Júlio Salgado, enviado pelo Partido Comunista a Juazeiro, se faz passar por um líder místico, à semelhança de Antônio Conselheiro, figura histórica da Guerra de Canudos. Depois de concordar em participar do engodo e fingir-se de pregador, aparentemente acaba por converter-se em um beato. Siqueira e Santos assim resumem o enredo do plano:

O plano que envolve Salviano é de autoria de Júlio Salgado, revolucionário em missão do Partido Comunista. Intitulado de ‘Operação Canudos’, o plano consistia em Salviano conquistar a confiança dos posseiros e, justamente através do discurso religioso, levá-los a se revoltar contra os donos de terras. O plano de Júlio Salgado culminaria, na procissão do dia de Nossa Senhora [...] [da Glória], em uma revolução sangrenta. Nesse dia, Salviano deveria revelar que era um comunista, e não um beato. Porém, um caixeiro viajante americano, Mr. Wilson, passa a desconfiar do envolvimento de Júlio Salgado e seu associado, João Martins, com Salviano. Levado pela obsessão com o plano, Júlio mata Mr. Wilson. (Siqueira e Santos, 2018, p. 515)

Com a morte, a narrativa assume ares de romance policial às avessas, pois a polícia local, corrupta, não consegue desvendar o crime, deixando Júlio livre para continuar agindo. A reviravolta acontece quando Salviano, durante o tempo em que finge ser beato, começa a mudar seu discurso. Para Siqueira e Santos (2018, p. 515): “as questões sociais vão perdendo relevância em relação às religiosas: ao invés de incitar a revolta sangrenta, ele adverte que ‘não há quem entre no céu com um morto nas costas’ (Callado, 1983, p. 90)”.⁴ Cada vez mais pessoas pobres, doentes ou aleijadas, passam a seguir o pregador, considerando-o como um milagreiro, o que leva Júlio a confrontar Salviano, a fim de saber se o plano ainda segue em curso. Siqueira e Santos (2018, p. 515) assim sintetizam a trama: “Salviano não apenas menciona que acredita de fato em tudo o que diz ao povo, como declina sua participação na ‘Operação Canudos’. Como vingança, Júlio incrimina Salviano pela morte de Mr. Wilson, fazendo com que sua própria esposa o denuncie”.

O que leva Salviano à prisão, então, é a incriminação injusta por parte de Júlio, o astuto articulador da Operação Canudos, que consegue afastar de si qualquer responsabilidade pela morte

⁴ Utilizo neste trabalho a edição de 2014, na qual o trecho citado encontra-se na página 94.

de Mr. Wilson e se juntar às autoridades locais, representadas pelo delegado, o padre, o promotor, o prefeito e o juiz (Callado, 2014, p. 150), contra o beato. No cárcere, Salviano passa a ter delírios na escuridão e, em razão de sua recusa em alimentar-se, acaba morrendo de inanição, o que se torna um problema para a “nata da vida juazeirense” (idem). Por temer a reação da população aglomerada em torno da delegacia à morte do líder místico, as autoridades se reúnem e decidem seguir outro plano de Júlio, desta vez para retirar o corpo de Salviano por um buraco no telhado, a fim de impedir que seus seguidores o carregassem na procissão que se realizaria no dia seguinte: “o povo, por suas mil bocas, já fizera saber que, se o santo deles morresse antes da procissão de Nossa Senhora da Glória, seu corpo iria no barco-chefe, no andor, sob o pálio da Virgem. Padre Generoso, diziam, ia santificar formalmente aquele que já era santo. Isso o padre Generoso não queria fazer de maneira nenhuma” (Callado, 2014, p. 146). Seguindo o plano de Júlio, após a retirada do corpo pelo telhado, restava “fechar o telhado, trancar a prisão e esperar que o delegado comunicasse ao povo que Salviano morrera e que seu corpo fora levado para o Sul pela esposa” (Callado, 2014, p. 157). Essa parte do plano, entretanto, não se concretiza, pois Rita, que acompanhava Salviano desde o início das peregrinações, percebeu a morte do beato. A multidão aglomerada arromba, então, a porta da delegacia, entrando na cela vazia. Ao se deparar com a ausência do corpo e a abertura no telhado, Rita lança “aquele brado que rolou como uma onda por todo o S. Francisco: - Subiu pro céu! Subiu pro céu! – Salviano subiu pro céu” – responderam mil bocas.” (Callado, 2014, p. 158). Essa ideia persiste no imaginário do povo da região, fazendo-o acreditar que ocorreu a assunção de Salviano.

Com um viés crítico à política e à religião, que evidencia as contradições do homem, no embate entre o materialismo e os matizes espirituais, a narrativa em terceira pessoa é conduzida por um narrador onisciente que desvenda a interioridade das personagens principais, entre as quais a de Júlio Salgado, membro do Partido Comunista, que se considera intelectual. Por meio das reflexões dessa personagem, o leitor conhece seu companheiro João Martins e a atuação pregressa de Salviano em favor do Partido Comunista. Essa focalização utilizada na narrativa também evidencia as relações de poder entre os habitantes de Juazeiro. As falas das personagens, bem elaboradas, apresentam traços de oralidade. Sob o aspecto estilístico da obra observa-se, ainda, o fluxo de consciência do protagonista preso e delirante, marcado por longos trechos sem pontuação nos capítulos finais.

Tempo, história e narração

A obra *Assunção de Salviano* de certa forma reconstrói a história por meio de alusões à Guerra de Canudos, que ocorreu no mesmo sertão baiano no final do século XIX, entre novembro de 1896 e

outubro de 1897, quando os moradores da cidade de Canudos, no estado da Bahia, sob a liderança do pregador Antônio Conselheiro, e tropas do governo brasileiro se enfrentaram em um conflito armado que culminou com a destruição da comunidade e a morte da maior parte dos seus 25 mil habitantes. A situação social que contextualiza o conflito, segundo Afonso Arinos (1985), é a de um governo republicano recém-instaurado cuja presença no sertão era marcada exclusivamente pela cobrança de impostos. Além disso, a escravidão, que havia terminado pouco antes no país, abandonou à própria sorte grupos de escravizados que vagavam pelos sertões, sem acesso à terra e com poucas oportunidades de trabalho. Também os caboclos sertanejos se encontravam desamparados. Essas pessoas sem recursos agruparam-se em torno dos sermões do peregrino Antônio Conselheiro, acreditando que ele poderia tirá-los da extrema pobreza ou garantir-lhes a salvação eterna.

O protagonista de *Assunção de Salviano* guarda semelhanças marcantes com a figura histórica de Antônio Conselheiro, descrito como um andarilho que perambulou pelos sertões por vinte e cinco anos, depois de ter sido abandonado pela mulher. Chegou a Canudos em 1893, onde se tornou líder do arraial e atraiu milhares de pessoas. Segundo relatos históricos, “Acreditava que a República, recém-implantada no país, era a materialização do reino do Anticristo na terra, uma vez que o governo eleito seria uma profanação da autoridade da Igreja Católica para legitimar os governantes. A cobrança de impostos efetuada de forma violenta, a celebração do casamento civil e a separação entre Igreja e Estado eram provas cabais da proximidade do ‘fim do mundo’.”⁵ Além disso, em seu estudo sobre a guerra de Canudos nos jornais, Galvão (1977) afirma que a imprensa, o clero e os latifundiários da região se incomodavam com a nova cidade independente e com a constante migração de pessoas para aquele novo local. Aos poucos, construiu-se uma imagem de Antônio Conselheiro como um perigoso monarquista a serviço de potências estrangeiras, querendo restaurar no país a forma de governo monárquica. Difundida através da imprensa, esta imagem manipulada ganhou o apoio da opinião pública do país para justificar a guerra movida contra os habitantes do arraial de Canudos.

Após quatro expedições militares, que mobilizaram aproximadamente doze mil soldados vindos de dezessete estados brasileiros, o conflito de Canudos acabou da pior forma possível para os habitantes. Em 1897, na quarta incursão, os militares incendiaram o arraial, mataram grande parte da população e degolaram centenas de prisioneiros. Estima-se que morreram ao todo por volta de 25 mil pessoas, culminando com a destruição total da povoação.

⁵ GUERRA DE CANUDOS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Guerra_de_Canudos&oldid=67707448. Acesso em: 30 mar. 2024.

As referências à figura histórica de Antônio Conselheiro e aos conflitos de Canudos compõem o pano de fundo do romance *Assunção de Salviano*, configurando elementos históricos dentro da história narrada. Nesse sentido, a síntese de Le Goff (1996, p. 12) sobre a narração da história é relevante: “a matéria fundamental da história é o tempo”. Walter Benjamin (1994, p. 229-230), propõe a figura da constelação para representar sua concepção de história: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’ [...] sob o livre céu da história”. Nessa lógica, o passado recuperado pela literatura não se apresenta como um tempo passivo e morto, mas, na leitura benjaminiana, como uma dialética anacrônica da história, como um “agora” iluminado e repleto dessa mesma história. Em seu texto “O narrador” (1994), Benjamin elabora importantes reflexões sobre o ato de narrar e mostra como a convergência da crônica historiográfica com a narração literária pode gerar uma forma especial de atividade de memória.

O romance de Callado traz à memória o conflito histórico que gerou o massacre de Canudos e com isso restitui a história coletiva na tensão entre historiografia e narração, promovendo a reflexão em torno da memória cultural desse evento traumático. Entende-se que o romance constrói imagens da história do Brasil como uma história violenta, relacionada em grande parte a desigualdade social e opressão, estabelecendo uma continuidade de situações, como se o tempo cronológico estivesse suspenso. São imagens de violência que continuam atuais no Brasil, associadas à luta dos camponeses pela terra, à pobreza no sertão nordestino e à vulnerabilidade das pessoas que o habitam, de forma a possibilitar a reflexão do leitor.

Elementos de crítica social

Ao lado da aparente religiosidade da população, o que se manifesta de forma contundente na obra de Callado é a busca das personagens centrais por reconhecimento e autopromoção, a começar pelo representante da classe burguesa instruída, Júlio Salgado, um intelectual comunista e homossexual, proveniente de família abastada. Ele é o mentor da Operação Canudos e visa a agitação comunista, a revolução por meio da mobilização do proletariado campesino para a luta contra o latifúndio a partir da cidade baiana de Juazeiro. Seu plano revolucionário abarca inicialmente o nordeste brasileiro para depois se espalhar por todo o país e envolver também a América Latina “e ir estourar no Pacífico, subir ao Panamá. Já então cheia de força, a conflagração faria arder a península centro-americana, fulminaria jubilosa o México de Rivera e Siqueiros” (Callado, 2014, p. 11). A motivação de Salgado, porém, não é o “comprometimento sensato com uma ordem social mais

justa”⁶, como bem observa Feldmann (1995, p. 523), ao contrário, ele sente desprezo pelo mundo “tão cheio de canalhas” e pelos seres humanos em geral, que compara a insetos parasitas: “Quando olho de um avião para a terra tenho a impressão de que a humanidade são piolhos na cabeleira das árvores” (Callado, 2014, p. 25). Além disso, a personagem evidencia pouco interesse pelos lavradores da região, que deprecia como “imbecis” (Idem, p. 32), desqualificando, ainda, o próprio país, que considera um “País de tabatinga mole!” (Idem, p. 11) e um “país de cretinos” (Idem, p. 33). A real motivação de Salgado para a agitação política é a vaidade, a própria valorização, o aumento da autoestima, mesmo que isso cause violência e destruição. Para ele, a perspectiva de desencadear a Operação Canudos em Juazeiro é um dos “instantes de perfeita fé no futuro” (Idem, p. 7), como se observa já no primeiro parágrafo do romance:

Júlio Salgado [...] via seus problemas todos resolvidos, todos os nós da sua vida desfeitos: via a Matriz de Juazeiro e a Prefeitura explodindo numa chuva de pedras e calíça; via, Dia de Nossa Senhora da Glória, os rifles disparando dentro da igreja de Petrolina, balas arrancando narizes de imagens e chamuscando os panos do altar-mor; via seu regresso triunfal ao seio do Partido, no Rio; e via, sobretudo, João Martins aceitando com naturalidade seu amor, compreendendo perfeitamente que homens amassem homens. (Callado, 2014, p. 7)

Movido pelos próprios interesses, Salgado acredita que “só se age quando o ódio é o motivo, que só se cria quando o fim último é destruição. Na terra erma, sob o céu vazio, a única coisa que pode existir é a maldade do homem fiando sua própria história sob as estrelas frias.” (Idem, p. 33) Caracterizado com precisão por Feldmann (1995, p. 523) como “um sonhador distante da realidade e um inútil carente de reconhecimento, que não tem capacidade de comunicação com a população rural e que, além disso, evita qualquer risco pessoal”⁷, Júlio Salgado transfere a incumbência de executar seu plano ao caboclo Manuel Salviano, marceneiro com alguma formação e morador de Juazeiro, que, segundo Feldmann (idem, *ibid.*), “também acredita estar destinado à grandeza”.⁸ A personagem considera-se predestinada a desempenhar um papel relevante no movimento social e imagina até mesmo ascender “aos céus no avião do Partido”, tal qual o profeta Elias, “que ascendeu aos céus em um carro de fogo” na história bíblica: “De uma forma obscura, a exuberante satisfação que sentia agora imaginando-se o herói de Operação Canudos era completada pela homenagem do amor e do desejo de Ritinha. Ele sempre sentira que havia um destino à sua espera” (idem, p. 38). Percebe-se o entusiasmo de ambas as personagens com a perspectiva de terem sucesso com a revolução, de

⁶ Cf. “sinvollem Einsatz für eine gerechtere Gesellschaftsordnung”

⁷ Cf. “ein realitätsferner Träumer und geltungsbedürftiger Nichtsnutz, dem jede Fähigkeit zur Kommunikation mit der Landbevölkerung fehlt, und der zudem jedes eigene Risiko scheut” (tradução minha).

⁸ Cf. “der sich ebenfalls zu Großem bestimmt glaubt”

desempenharem um papel relevante e se tornarem notáveis e reconhecidos. Não há altruísmo em seus planos, e a população é considerada massa de manobra, seu bem-estar não é levado em conta. O militante do Partido, Júlio Salgado, e o ateu Manuel Salviano conspiram no “botequim do Zeca” (Callado, 2014, p. 28), planejando a farsa da conversão de Salviano, que tem “horror à religião” e imagina “mandar pelos ares os bispos que vêm aí, junto com esse padre Generoso do Juazeiro” durante a procissão. Entretanto, Salgado tem em vista outra estratégia e afirma que “o Partido quer é destruir a própria religião, em lugar de dar cabo de meia dúzia de padrecos” (Idem, p. 29). Mesmo a contragosto, Salviano coloca o plano em ação, pois ambos querem colocar a religiosidade das pessoas humildes e carentes a serviço da revolução comunista.

A análise de ambas as personagens evidencia suas reais motivações para a execução do plano revolucionário. Como aponta Feldmann (1995, p. 523), trata-se menos de melhorar as condições de vida da população do campo do que de apreciar o papel de líder bem-sucedido ou de herói que pretendem assumir.

Entre as demais personagens que se destacam no romance está Irma, a esposa de Salviano, descrita como “esnobe” pelo narrador. Sem relevância na vida da comunidade, busca autopromoção e ascensão social por meio do marido: “Ela ainda queria ver o Salviano como chefe político, delegado ou – quem sabe? – diretor, ali, da companhia de navegação que estava sendo fundada...” (Callado, 2014, p. 28). Vaidosa, Irma gosta de estar entre pessoas que considera importantes e que circulam “nas rodas oficiais de Juazeiro”.

Há ainda outras figuras no romance, como o Coronel Juca Zeferino, que são movidas por interesses financeiros pessoais, em detrimento dos coletivos, uma vez que ele “muito de mansinho, bem apoiado em documentos mais ou menos forjados, estava tratando de tomar as terras de homens que há muito as vinham lavrando ou usando para lenha” (Callado, 2014, p. 27). Representante da classe dos grileiros com sua ganância por terras, Zeferino é lançado entre os posseiros, não sem razão, como “símbolo do mal” pelos agitadores.

A análise da estrutura de sentidos do romance permite uma interpretação crítica da sociedade. São elementos passíveis de crítica social a vaidade, a presunção, a ganância, os interesses pessoais da classe burguesa, e elas motivam as ações políticas das personagens em seu contexto narrativo. Essas ações enganosas não são efetivas, pois seus atores pouco se importam com a situação e as dificuldades da população rural carente. Se se importassem, tratariam de conscientizar as pessoas, levando-as a refletir sobre seus problemas de forma séria, sem tratá-las como massa de manobra para seus interesses individuais.

Referências

ABL – *Academia Brasileira de Letras*. Antonio Callado. Biografia. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-callado/biografia>. Acesso em 13 set. 2021.

ARINOS, Afonso. *Os jagunços*. 3. ed. [S.l.]: Philobiblion, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALLADO, Antonio. *Assunção de Salviano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

CHIAPPINI, Lígia. Callado e a ‘vocação empenhada’ do romance brasileiro. In: CALLADO, Antonio. *Assunção de Salviano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014, p. 159-170.

FELDMANN, Helmut. Antônio Callado. In: RÖSSIG, Wolfgang (Zst.). *Hauptwerke der lateinamerikanischen Literatur*. München: Kindler, 1995, p. 522-529.

GALVÃO, Walnice. *No calor da hora - a guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1977.

GUERRA DE CANUDOS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: WikimediaFoundation, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Guerra_de_Canudos&oldid=67707448. Acesso em: 30 mar. 2024.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

SILVA, Geovany B. da. Ecos da bíblia judaico-cristã no romance *Assunção de Salviano*, de Antônio Callado. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9, n. 4, 2020, p. 537-561.

SIQUEIRA, Sabrina; SANTOS, Andrio J. R. O Aniquilamento do Eu e a Sombra da Violência em *Assunção de Salviano*. *RevLet - Revista Virtual de Letras*, v. 10, n. 1, p. 514-530, jan./jul. 2018.

Recebido em: 10/08/2024

Aprovado em: 15/11/2024

Como citar este artigo

UMBACH, Rosani. Violência e crítica social em Assunção de Salviano, de Antonio Callado. **Revista Narrares** – V.2, N.2, Jul-Dez, 2024, pp. 21-30.